

# A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

Anno I.

Desterro, 15 de Junho de 1867.

N. 2.

## A ESPERANÇA.

Quando fise mos circular pelo publico desta capital nosso pequeno jornal, se tinhamos certo receio de que lhe não podiamos plenamente agradar, natriamos tambem a esperança de que não seriamos mal recebidos.

Desvaneceo-se nosso receio porque o que esperavamos succedeo. O publico sempre benevolo a animar as aspirações da mocidade, á nós que só aspiravamos merecer sua valiosa sympathia e amisade, satisfiez dando-nos generosos louvores e favoravel acolhimento.

E agora resta-nos o dever de agradecer-lhe, bem como ao *Despertador* o que nos é dirigido em sua parte noticiosa de 4 do corrente, affiançando-lhes que faremos todos os esforços para não desmerecer em seo conceito nossa publicação, tornando-a o quanto estiver á nosso alcance util e interessante, e, embora hajão sacrificios de nossa parte, applicar os meios precisos para que não seja ephemera sua existencia.

E o que nos é capaz de levar a sacrificio é uma nobre ideia, é um dever digno, é a satisfação de uma necessidade.

A capital da provincia de Santa Catharina necessita mostrar ás outras suas irmãs, que se tem em seo seio litteratos distinctos, tambem tem mancebos que se applicão ao estudo e desejão illustrar-se.

Esta é a necessidade de que fallamos e que desejanos realisar, porque ha bastantes tempos que vemos com pesar não ter a mocidade um orgão seo, propriamente seo, entre nós.

Que é nobre o empenho que temos em vista cumprir, ninguém contestará, e não será certamente entre temores que trabalharemos, mas com aquelle animo que preside ás empresas uteis.

## OS TRABALHOS DA INTELLIGENCIA.

O tempo é o Saturno da creação. As bellas e magnificas conquistas do homem sobre a materia não lhe resistem. Montanhas sobre montanhas que os homens podessem collocar serião destruidas como forão as dos Cyclopes mythologicos.

Os muros de Babylonia—a soberba, e as pyramides do Egypto com seus admiraveis hieroglyphos forão destruidos. Carthago, a filha da astuta imaginação da rainha Elisa, cresce em poderio, leva a força de suas armas e exercitos ás conquistas da Numidia e Mauritania, mas começa a declinar com a derrota de Asdrubal nas margens do Metauro, e em Zama perde o equilibrio e fraqueia com a victoria de Scipião sobre Annibal. A Bagdad dos Califas, e Bassora, a mais commercial cidade da Asia, o tempo fel-as perder o antigo esplendor e quasi as fez desaparecer. Herculanium e Pompeia, ambas glorias, esplendores e orgulho do sublime da arte, tornarão-se ruinas.

O tempo é, pois, o poderoso sobre a materia.

O mausoleo de Caria, o labyrintho de Creta, o templo de Diana em Epheso, com seus porticos dourados; as columnas de Pompeia e as pyramides do Egypto; as maravilhas da architectura, o Jupiter Olympico de Phidia s onde existem?

O tempo destrui-os.

O tempo destrui-os, fazendo-lhes primeiro enfraquecer os alicerces, depois tremer as paredes, vaccillar os zimbórios ou altaneiras cupulas, estremecer os porticos, e deslocados os capiteis, rojou-os, sumiu-os, tragou-os, porque é elle o Saturno da creação, o devorador dos proprios filhos.

Os imperios os mais potentes de um dia para outro, de um anno para outro, de seculo a outro seculo, differença de dia ou annos podem ser destruidos. Uma onda de tempo faz força contra outra onda e ambas reunidas

ligeiro arrancão das mãos de um monarca um sceptro, com esse sceptro arrebatou-lhe um imperio, e n'esse imperio victimas ou vassallos.

Eis o que ensinão os seculos em suas maravilhosas verdades: o tempo destruindo o que os povos á força de trabalho crearam.

Porém o destruidor implacavel das concepções artisticas do homem, estaca na veloz carreira, diante de uma epopeia, e vencido acompanha a humanidade, e se não a auxilia na confecção das coroas de louro com que cinge-se a fronte a Homero, serve de echo aos brados de entusiasmo de todos os povos, ainda mesmo dos menos cultos.

E o que prova esta verdade?

Prova que ha só um trabalho louvavel e indestructivel, que, se arranca brados de admiração a todas as nações faz o tempo curvar a indomita cerviz — é o trabalho da intelligencia, — porque tudo o mais é ephemero e sujeito umas vezes ás paixões politicas do povo, outras á acção dos elementos phisicos.

As maravilhas da arte o tempo deslustra. Cahiram Bagdad, Herculanium, Pompeia e outras cidades; as pyramides do Egypto curvão-se ao peso de quarenta seculos; os portentos do escopro confundem os traços que a mão do artista inspirado lhes dera e tornão-se massas informes: emquanto vê-se que a Illiada, Camões, Tasso, Klopstock e Milton ao peso dos seculos não se curvão, porém fazendo delles pedestal olhão as gerações presentes e vindouras com animo sereno.

São pois, como dissemos, os trabalhos da intelligencia os unicos que a tudo resistem; e se ha nelles maior e mais duravel porção de gloria, porque n'elles não consummiremos os dias de nossa vida, se depois gosaremos de renome e respeito?

A nós mocidade compete o trabalho: aos anciões o descanso. Sejamos incançaveis, e emquanto as flores de nossas brandas primaveras se entrecabrem ás caricias das mossas bem amadas, euidemos senão para a patria, ao menos para ellas, de colher umas outras flores de mais grato aroma, nos rosas da litteratura, embora ao apañhal as sejamos feridos pelos espinhos dos materialistas e retrogradados.

Embora, embora... E no sangue que correr das feridas que taes espinhos nos liserem teremos mais um galardão que juntar aos que nossos escriptos adquirirem: esse mais um tributo que por nossas convicções pagarmos, set-nos ha gloria.

## A DOCE HELENA.

Helena, a formosa, a mais joven das filhas do lavrador ancião, vae descansar á tarde á sombra dos laranjaes floridos.

Em sua fronte expande-se a mocidade, em seos olhares transluz o fulgor da innocencia, em seos labios ha as rosas alentadas por desconhecida felicidade. — E' -lhe a vida um painel gracioso: tem encantos que ella chama divinos, bellezas que chama celestiaes.

Mesmo aos quinze annos mal se descortina o mundo aos olhos de uma menina, que tem a innocencia no coração, nos risos a innocencia! A imaginação se perdo entre as seismas azues de uma infancia passada em sorrisos e festas, e pelo passado sonha-se o futuro coroado de laureis virentes, que a primavera da mocidade colloca sobre o leito da puresa.

Helena tem quinze annos.

Os laranjaes estão em flôr: em flôr tambem está su'alma, que ao sopro de uma caricia paterna se entrecabre e expande perfumes em torno de seo lar.

As aves da tarde cantão melodiosas harmonias esvoaçando sobré sua fronte, ou pouxada nas moitas das rosas deixão escapar queixumes de uma saudade inspirada: assim tambem sua alma se espraia pelo infinito das sismas ou pelo oceano dos sonhos de moça, e suspira como suspira á tarde o sabiá nos galhos do espinheiro...

Mas ella que descansa das fadigas do dia no mais sombrio do laranjal, de repente deixa pender a fronte entristecida, mirando o sol que descora no occidente.

E lança uma a uma as grinaldas que formára no ameno valle por simples devaneo ao relvado que lhe serve de tapete.

E chora.

E' que o ultimo raio do sol vae como um adeos silencioso beijar o pinçaro da montanha visinha, e lhe inspira ao coração lingua-gen de sublima tristesa:

— Adeos, diz-lhe o coração...

Adeos, sol que douraste minha primeira infancia. Mergulhas-te nas sombras de uma noite eterna, immensa, sem limites! Deos que te dourou de tão extranha belleza porque te veda a meos olhos? Arno-te e foges! Querido de minh'alma, surge e dá-me a vida que sinto desfalecer-me n'um cruel presentimento! Amo-te, vive!

Olha as montanhas ali! Quem as podera percorrer amanhã, cedo, quando de novo surgires e estenderes sobre o céo o teu manto d'ouro e rubins! Olha o rio que lá no val-

le serpeja; quem amanhã lhe poderá ouvir o sussuro enganoso das águas. Olha minha vida e vê se assim me deves abandonar... Não fujas, sol! não fujas...

E o sol desaparece do horisonte, e a frente de Helena pende, e o coração se cerra!

Horível presentimento!  
Helena! minha doce Helena!

\*  
\* \*

O grito do tigre havia resoado por todo o valle, e serraia.

O terror se apoderara de todos. O tigre traz consigo a morte. Em cada uma das malhas de seu dorso lê-se uma sentença contra a vida.

Helena, minha doce Helena! diz o sabiá ao longe nas ramas das arceiras.

Helena! repetem as aves da noite que adejão em derredor à casa.

E as grinaldas de flores que estavam a seus pés, emmurchecião-se, repetindo — Helena!

E a formosa das filhas do lavrador, meia encostada ao tronco da laranjeira, deixa a ideia divagar pela immensidade dos céos, e prende a vista à nuvensinha que a deosa da noite mandara por um instante roçar ás fimbrias do horisonte, lançando a escuridão sobre a terra.

Absorta, com o coração presa de subita tristesa ella esquece que a noite desceo sobre a terra.

A ideia devaneando, talvez, no seu poema de menina algum novo canto de pudicas estrophes, ou a mostrar-lhe erguendo o véo do futuro, um mundo de ignotas felicidades, Helena, não ouviu o rugido do tigre.

\*  
\* \*

E o velho lavrador ouviu-o!

Minutos antes talvez elle podesse, applicando o ouvido, dizer que se approximava um tigre pelo estalar do matto que para abrir caminho suas garras estrassalhavão.

E não se amedronta: parte!

O amor de pae lança-lhe nos membros quasi inertes pela idade, uma nova juventude, um extranho vigor.

Seos olhos se animão de coragem e o coração se decide á luta.

Aos vinte annos, diz elle, seria o primeiro á terreiro á procurar o feroz animal nos antros da floresta, aos sessenta o tigre bate-me ás portas de casa e só o amor paterno me obriga a sair.

E ainda elle julga leve a espingarda, ain-

da torna leves as pernas que mais parecem voar que correr.

\*  
\* \*

Approxima-se ao laranjal da esquerda. Foi de suas immedições que partio o rugido.

Sente um pequeno arruido de folhagem quasi perto de si e fita a vista.

Allucina-se....

Julga ver por entre as laranjeiras o fulgor de dous olhos de Satanaz.

Parece-lhe que elles se approximão, e espera...

Novo arruido e mas perto ainda.

Arrima-se a um tronco, nelle encosta a arma que seus braços mal sustentão, e...

Ao desfechar do tiro sente rolar sobre a relva um corpo que se estorce nas vascas da agonia.

O prazer causa-lhe perturbação e tremulo, vacillante, timidamente approxima-se ao corpo que ferira.

Helena! minha doce Helena! estás salva!

\*  
\* \*

Morta! brada por entre os lampejos de um furor subito.

Eu sou o tigre! Eu matei minha filha! minha doce Helena!

E nesse instante sentio um suor glacial percorrer-lhe os membros e a febre da loucura apossar-se de seu cerebro que tinha em si tanto amor, tanta coragem.

\*  
\* \*

Helena se despedira do sol com as lagrymas nos olhos, é que teve o presentimento de que morreria sem o tornar a ver.

E as grinaldas que formára das flores mais mimosas do vergel servirão-lhe de leito funebre.

Elisario.



### Andronico Commeno.

Andronico Commeno, imperador de Constantinopla, notavel pelas crueldades que praticara durante dous annos de reinado, tendo provocado o odio de seus subditos, foi victima da mais tremenda de todas as punições.

Tendo-se rebellado todo o exercito e logo depois todo o Imperio revoltando-se contra o monarcha, foi esta obrigado a procurar em terra extranha o domicilio, que

em sua patria não achava. Para esse fim embarcou e sua familia em um navio e fez-se á vella para as praias da Italia.

Já estavam no alto mar, quando subito encobre-se o céo de grossas nuvens; ouve-se ao longe o echoar dos trovões; as endas revolvendo-se com furia vem quebrar-se nas praias, e, emfim, o navio depois de ter soffrido o embate das vagas é lançado ás costas de Constantinopla.

Apenas é conhecido Andronico, eis que correm d'aqui, d'ali, d'alem, velhos, moços e mulheres ao seu encontro. Uns o injurião, outros o agarrão; estes atão suas mãos e pés com cadeias de ferro; aquelles finalmente o condusem a prisão, e depois de ter sido assim escarnecido por aquelle povo vingativo, é lançado em um castello.

Sendo então levado á presença de seu successor e cruel inimigo, é injuriado de uma maneira tão brutal e deshumana que é impossivel imaginar-se. Com paciencia soffria elle as bofetadas, injurias e insultos que lhe dirigião.

Não satisfeitos ainda seus inimigos com taes barbaridades, cortão-lhe sua mão direita, e de novo o condusem a prisão.

Dias depois tendo-se-lhe tirado um olho vestem-n'o com as mais despresiveis roupas, põem-n'o sobre um camêlo e assim percorre as ruas da cidade. Não havendo mais insultos que lhe dirigissem, são lançados sobre elle tachos d'agoa fervendo, ministrados pelas maledicas mãos das mulheres, cujos corações inflexiveis nunca conhecerão o que é a dor.

E' ainda condusido ao theatro, e ahí é exposto ao povo, que novamente o insulta e ludibria. E' amarrado a duas columnas. Uma lança arremegada em sua boca toca já suas entranhas, e duas settas atiradas em seu ventre acabão de dar morte á victima do povo de Constantinopla.

Longe de indignar-se contra os seus cruentos inimigos, alegre proferia estas palavras: *Domine miserere*, e dirigindo-se aos seus carnifices, diz: *Quil calamum quasatum confringitis?*—porque quebrar uma canna já quebrada?

F. Paulino.

### **Pintasilgo—Americano.**

Este passaro differe do da Europa na variedade de seu canto e plumagem.

E' do mesmo tamanho que o outro, mas as pennas da cabeça, encontros e pontas

das azas bem como as da cauda são pretas; seu ventre é de um amarello desmaiado, e o resto do corpo é verde, misturado de algumas pintas amarellas. Gosta muito de pousar nos algodoeiros, por cujo motivo é denominado—canario do algodoeiro—; mas esta denominação não é acertada. Alimenta-se de sementes e aprecia muito a do nabo; é muito melindroso e depois de domesticado vive muitos annos; seu canto é mais longo e mais melodioso que o do outro. A femea não tem pennas pretas e põe dous ou trez ovos brancos com algumas pintas roxas.

Desterro 10 de Junho de 1867.

R. J.



### **A imprensa.**

As vantagens que á humanidade trouxe a descoberta da imprensa são incalculáveis. O progresso social encontrou n'ella um promotor de beneficos melhoramentos.

Se porém se lhe tem concedido primazia entre todas as descobertas dos modernos tempos, é impossivel deixar de reconhecer que sua má applicação muitas vezes tem traido inconvenientes que gravissimos males occasionão, isto é, quando applicada á politica mesquinha de nomes, quando torrada columna paschina em que se ludibria muita reputação que devera ser respeitada, desce do throno em que a collocaram os maiores pensadores, tornando-se indigna de culto e credora de abjecção.

Disse alguém que a imprensa assimelha-se á faca que tem um lado cortante e outro sem córte. E' boa esta ideia, porque nos mostra o como deveremos servir-nos della.

O lado cortante é o lado util: é a imprensa applicada á litteratura, ás artes, ás sciencias, ao commercio, á agricultura, e a politica mesmo, mas á politica de ideias, de principios, e não de pessoas e couzas. Este é o lado que se presta ao progresso humano, porque destroe erros corta os máos principios enraizados em espiritos pequeninos, e querendo o aperfeiçoamento de todos os ho:ens só discute, só quer saber, o como poderá tal aperfeiçoamento ser adquirido e quaes os meios á empregar.

O lado sem córte ou o lado inutil—chamaremos—o que encerra o erro, o que dá publicidade a desabafos de injustas opiniões, o que defende ou accusa por despeito e não justiça.

\* \* \*

**ELEMENTOS**  
DE  
**VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.**

POR

Eduardo Nunes Pires.

Continuação do n. 1.

**CAPITULO II.**

**Das figuras de dicção.**

Antes de passar a considerar as diferentes especies de versos de que se-faz uso na Poesia Portuguesa, conyem notar:

1.º — que, umas vezes, um verso parece ter maior numero de syllabas, do que deve ter; por isso deve-se examinar si 'nelle ha *synalephas*, *syneresis*, ou *ecthlipses*.

2.º — que, outras vezes, um verso parece ter menor numero de syllabas, do que deve ter, por isso deve-se examinar si 'nelle ha diéreses ou dialéphas.

**DEFINIÇÕES E EXEMPLOS.**

*Synalepha* é a figura, pela qual se absorve a ultima vogal de uma dicção, na primeira da dicção seguinte; a *synalepha* pode extender-se até tres vogaes, que se-contrarão sempre por uma unica syllaba.

Exemplos:

Cada dia a devora

Novo amor, nova chamma.

(José Anastacio da Cunha.)

Resôa altiva lyra

De novo, entre os meos dedos vencedores.

(Souza Caldas, Ode I, ep. 1.º)

Mas se outrem a acompanha, a afaga, a anima.  
(A. F. de Castilho, Ciumes do Bardo.)

**OBSERVAÇÃO.**—Deve-se sempre evitar a absorpção de uma vogal aguda 'noutra breve, ou d'uma aguda 'noutra aguda, porque torna duro o verso, e a dureza é defeito não pequeno.

Ex. do primeiro caso:

Em Bezerra Neptuno foi já achado.

(Camões, Ecloga VI.)

Ex. do segundo caso:

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva

A Portugueza lingua, e já onde for  
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

(Antonio Ferreira.)

*Synérese* é a figura pela qual, em uma dicção, se-contrahem duas vogaes, que formavam duas syllabas distinctas, em uma só syllaba. Exemplo:

E o genio do exterminio, que pairando,  
volve rapido os olhos fulgurantes.

(Lacerda Coutinho, *Greenhalgh*, VI.)

**OBSERVAÇÃO.**—Si a primeira das duas vogaes fór aguda, evitar-se-ha a *synérese*; porque, si se-a-fizer, tornar-se-ha duro o verso. Ex.

Quiz aqui *sua* ventura, que corria

Apoz Ephyre, exemplo de belleza.

(Camões, Lus., IX, 76.)

Quando ambas as vogaes forem breves, como em *Trébia*, *Cápua*, *genio*, *astucia*, deve fazer-se *synérese*, pois do contrario será frouxo o verso.

*Ecthlipse* é a figura pela qual se absorve o m, em que termina uma palavra, junctamente com a sua vogal, na vogal em que começa a palavra seguinte. Exemplos:

Co'o mar um tempo andámos em porfias.  
(Camões, Lus., C. V, est. 66.)

Em nenhum estado bom pode haver vicio.  
(Antonio Ferreira, Epist.)

Assim se-diz c'o mar, em vez de com o mar e tambem nenh' estado (fazendo soar o U mui brandamente,) em logar de *nenhum estado*.

**OBSERVAÇÃO.**—Pode-se usar d'esta figura, mas com grande parcimonia, por trazer consigo o mesmo defeito que as antecedentes.

*Diérese* é a figura pela qual se divide um diphthongo em duas syllabas. Exemplos:

Porém, quando o Sol sae, facilmente

Se póde nelle pôr a aguda vista.

(Camões, Lus., VIII, 50.)

Nos saúdosos \* campos do Mondego

(Id., ib., III, 120.)

**OBSERVAÇÃO.**—Esta figura dá muita frouxidão aos versos, e por isso deve ser evitada: o mesmo se-intenda a respeito da seguinte:

\* Antiggamente a palavra *saudade* se-pronunciava com quatro syllabas distinctas, portanto não se-dava a diérese; hoje, porém, pronuncia-se com tres sómente, e assim ha necessidade de dar-se a figura. O mesmo se-dá com as suas derivadas.

*Dialépha*: dá-se esta figura (ou antes, este defeito,) quando se-deve fazer synalepha, e não se faz. Exemplo:

Do-engano arдил, que o Mouro ordia.  
(Cam., Lus., I, 96.)



Além d'estas figuras ha ainda outras, pelas quaes se-tiram, ou accrescentam lettras no principio, no meio, e no fim das palavras. São ellas:

*Aphérese*, que tira lettras do principio.

*Syncope*, que as-tira do meio.

*Apócope*, que tira do fim.

*Próthese*, que accrescenta ao principio.

*Epenthese*, no meio.

*Paragóge*, no fim.

**OBSERVAÇÃO.**—Estas figuras pertencem antes á Grammatica, do que á Versificação. O seu uso deve ser tão moderado como o das que já ficaram exemplificadas. De todas estas figuras só se devem exceptuar a synalépha e a synérese, por serem as unicas que dão graça, e até energia ao verso, quando são impregadas conforme ao que ficu d'ello nas respectivas observações.



## A FÉ DIVINA.

Il n'est rien de beau, de doux, de grand dans la vie, que les choses mystérieuses.  
*Chateaubriand.*

A fé, esse anjo com a fronte cheia de esplendor, com os olhos cobertos de uma luz viva como estrellas, tendo nas faces seo clarão como fulgor da madrugada; a fé, primeira das flores que cercam o throno do Altissimo, essa belleza que jamais se acaba, brilho, que um canto infinito deixou na terra para os homens — como devemol-a nós diffinir senão — o facho grandioso e necessario, em cuja luz se mistura a crença dos mysterios divinos.

— O fogo, cuja suavidade traz em si um fulgor sacrosanto, e nos conduz á patria do céo, cobrindo o coração e o espirito de um prazer sem igual; cuja luz é immensa derramada pelo universo—é o que chamamos fé, e acreditamol-a — um auxiliar divino, o elemento unico capaz de dirigir os nossos passos na estrada difficil do mundo, onde contradicções filhas de nossos erros amarguram a alma e tantas vezes tem envenenado o nosso coração.

A fé, o bom ameno e necessario, brilho

do oriente, quando assoma o dia, ou poderossimo raio da sabedoria de Deus — é uma nuvem cheia de claridade, um ponto cheio de luz, para onde se vão sobre a terra todos que querem possuir o unico gozo—o da verdade.

Só a fé faz brilhar a nossa crença: só ella nos prepara para os mysterios de além-tumulo: não se procure outro meio para Deus que não seja a fé, irmã da esperança e tambem da caridade: que belleza mais dôce e que formosura divinal merece tanto a nossa escolha? é ella constantemente louca em nos amar: sempre nos procura: não ha outra virtude mais pronta em nos querer: nós, fracos, desobedientes, e muitas vezes distrahi-dos com as cousas do mundo, è que fugimos á sua luz brilhante, e de um momento ficamos logo nas trevas: digna da escolha do homem, e só capaz de engrandecel-o, procurando lhe instruir com os raios da sua sapiencia, só ella surge na alegria do nosso coração, como na desgraça que afflige, semelhante á voz omnipotente fallando em todo o universo cheio do seu nome.

E Deus tem na em sua mão como a salvação dos filhos que querem a sua luz immensa e tão sublime.

Flôr immorredoura e luz que não se acaba, só essa virtude tem a força de destruir o nosso orgulho e fazer que se abata nossa rasão, elevando-a, comtudo, á patria celeste, onde o Creador dos mundos n um throno de bondade contempla sorrindo a sua creatura, vendendo-a submissa em toda humildade.

E' ella enfim a unica força que prostra nossa alma para Deus, — o pharol sobranceiro ás vagas do mundo, — a rasão potente, por que brilha ao longo das sombras alguma cousa que se iguala com uma eternidade.

Enfim a fé é o principio da verdadeira existencia: só ella o resplendor no meio das trevas: da sua posse á do infinito, todo o caminho, todo o espaço é cheio de uma luz immensa, porque não ha sombras onde Deus se apraz em sorrir.

*Silvio.*



## Queixas.

A doce illusão me embalou nos braços da ventura, a realidade amarga e cruel lança-me ao seio da dor. Depois de ter provado os méis de fugitiva esperança eu trago a taça do martyrio, que o destino me offerece.

Porque não chorais minha sorte, ó lyrios dos valles?

Porque não consolaes minha afflicção, ó rosas das campinas?

Os jardins da natureza de dia para dia augmentão as gallas e os encantos, emquanto eu me definho com tristezas.

Os rios da floresta sempre em sorrisos lanção abundante seiva ás suas margens, e percorrem com rapidez a estrada que lhes está marcada: emquanto eu sinto que o sangue que gyra nas veias percorre-as vagarosamente, lançando lethral veneno sobre o coração que soffre.

E vós, estrellas do ceu de minha terra, tendes sempre nos pallidos suigores consoladoras animações a todos que soffrem.

E as andorinhas que esvoação nos ares parece-me que fallão aos saudosos amantes de sua bella e querida.

No entanto, tenho-vos pedido alegria e consolação, e vós não me acolheis em vosso seio para embriagar-me de venturas...

Sou eu o reprobado do Universo?

A maldicção não me pesa sobre a fronte e eu sou infeliz...

Verto lagrymas de fel quando devia sorrir aos fulgores da mocidade! A luz destes olhos que tanto procuravão a ventura parece que se annuvia... Vêde, os labios que desejarão tantas vezes fallar-lhe, a ella, que tanto me despresa, estão resequidos e mornos pelos gelos do soffrimento... E quem podera fallar-lhe! quem podera ouvil-o! quem podera faser-lhe comprehender o que é amor!

Amor... a vida do coração do bardo, o perfume da meiga flor da esperança e ventura, eis tua interpretação. Para aquelles que soffrem és balsamo, para os que riem és nectar! sempre embriagador, sempre bello, e sempre puro!

Mas eu não te provo as doçuras... se as provasse, esta vida de coração, que julgo de tão curta duração, existiria seculos.

E porque não provo teus meis, ó amor?

E' que não fui fadado para a felicidade suprema da vida...

Além as estrellas, a luz e as nuvens percorrendo vagarosas a amplidão do infinito, parece-me que gosão, que fruem venturas! porque não as vejo tristonhas quanto sinto a fronte, e gosão... porque são inanimados, porque não tem coração como o poeta.

As ondas mansamente murmurejando beijão com vagarosa languidez as praias de areal lussante, depois como se colhessem dellas um segredo que devem revellar a outros climas lá se partem de novo murmurejando talvez um cantico de amor ou saudade!

Porque vens, ó poesia, beijar as fibras do

coração que morre, se nellas não acharás segredos que revelar à minha bella?

Porque?

Se as ondas não encontrão na encurvada praia algum genio da solidão que lhe segrede amor ou saudade, ellas fogem da terra, vão-se pelo infinito do oceano, bramando contra o silencio, contra a indifferença, contra o gelo.

Pois bem, vae-te, ó poesia... não mais beijos as fibras de um coração martyr...

E eu fui pedir ás paisagens do valle allivio aos meus soffrimentos, subi ás colinas, galguei montanhas, transpuz serras... tudo debalde! porque minha dor, só ella, a minha querida, poderia sanar!

Atravessei o oceano cem veses e cançado de ouvir-lhe o monotonico sussurrar das aguas, pedi aos rios que nelle vasavão seus meis, ao sol que n'elle adormecia, á aurora que d'elle despertava, ás aves, aos rochedos que o povoavão, que me dessem termo ao martyrio que me affligia... tudo debalde!

Olhei o ceo, fitei as estrellas, acompanhei as nuvens que nasazas da brisa da tarde vagavão de horizonte a horizonte, interroguei até a tempestade qual era meu destino... tudo debalde.

Nada do que via, nada do que me cercava, do que sentia, mitigou minha dor, enxugou o meu pranto, dourou o meu futuro, transformou o meu destino... Era a natureza impotente! porque só ella, a minha querida do coração, é que o poderia fazer! só ella do chãos de minha existencia poderia formar em universo de doçuras, e ser um segundo Deos!

E minha bella me não ama, porque não quer mudar o destino de um homem infeliz!...

Eu era a jurity que folgava alegremente nas matas floridas e sempre verdejantes da primeira mocidade...

Veio o caçador, desfiou meu ninho..., e a flecha que despedio não me ferio as carnes, não me deixou sem movimento...

O que farei?...

Abri vos, ó sepulturas! recebei-me em vossos braços, ó morte... sereis a minha amada e querida do coração!....

Vós, rosas da campina, mandareis a tarde vosso perfume ao tumulto de um desgraçado...

Vós, ribeiros dos valles, no murmurejar á noite entoareis uma endeixa em derredor de minha sepultura....

Andorinhas que esvoaçais nos ares levereis a outros climas a historia deste amor....

E as estrellas da noite lançarão sobre mi-  
nha fronte enregelada torrentes de saudosa  
melancholia, enquanto o mar repelir, ba-  
tendo contra os rochedos o nome d'aquella  
que por mim nenhum ai soltará de compas-  
siva saudade! *El.*

### A Gloria do estudo.

OFF.

AO MENINO J. F. S.

A' seus inimigos opporá coragem e doçura; á  
inveja, o desenvolvimento de seus talentos; á  
satyra, o silencio; aos calumniadores, sua vir-  
tude.

Das glorias do mundo é a que resulta do  
estudo e da applicação a mais sublime, du-  
radoura, permanente e unica que deve capti-  
var o nosso coração.

Si a sorte, muitas vezes contraria não per-  
mitte que sejamos bem succedidos em nossos  
desejos, aspirando tudo pelo trabalho do es-  
tudo, resta-nos ao menos o bom principio, de  
que animados pelo verdadeiro impulso da sci-  
encia, possamos algum dia satisfazer as nos-  
sas aspirações, quando desenrolado um ou-  
tro manto cheio de luz, grande, extenso e vasto.

Nada se compara, nem é possível que en-  
contremos na terra uma força, uma luz, um  
só dos brilhos, que apresenta a nossa nature-  
za, para ser igualado, ou ao menos parecido  
com os raios do estudo e da applicação.

Uma só se podia chamar a gloria depois  
da posse de todas as virtudes possíveis: te-  
mos a gloria das armas, porém a permanen-  
cia d'esta, recorda tambem innumerados cada-  
veres, que o braço do guerreiro fez succum-  
bir como elementos para sua victoria: temos  
a gloria de uma vida descansada, outras ve-  
zes laboriosa como a do artista, porém este  
meio de trabalho, embora faça do talento um  
symbolo que admiramos e muitas vezes lhe  
chamamos—fulgor divino em frente d'inspi-  
rado; embora seu resultado o torne brilhante,  
e cheio de attrativos— quantas vezes va-  
mos encontral-o só, desamparado, como que  
vedado por si mesmo á não chammejar o bri-  
lho da sua intelligencia, porque o menos-pre-  
zado de uns e a indifferença de outros o tem col-  
locado n'um estado triste de animação para  
sua arte.

— Emfim a gloria da arte, a das armas, e  
quanto póde arrebatlar e prender o coração  
do homem, está muito áquem da que re-  
sulta do estudo e da applicação, com que vi-  
vemos na terra como pharol da vida, despe-  
jando luz com a palavra quer fallada quer es-  
cripta do nosso pensamento.

*Pellico.*

## POESIA.

### Marilia.

Eu vi-te pallida e triste,  
Inclinada e pensativa,  
Como a tenue sensitiva  
Que a um só toque não resiste...  
Tão pallida e macilenta,  
Com o olhar amortecido,  
Parecias ter perdido  
Os sonhos que te-alentaram,  
As illusões do passado.  
Achei-te mais bella assim  
Com teu rosto descorado,  
Que nos tempos que volveram  
Tão infelizes p'ra mim.

Tambem meus sonhos morreram,  
E as esp'ranças feneceram  
Como as flores de um jardim ;  
Porque as esp'ranças são flores,  
Que nascem com os amores,  
E vivem só aos calores  
Da paixão que lhes-deu vida ;  
Mas fenecem, si na calma  
D'esse ardor que havia n'alma,  
Cái neve de desinganos.

Mas assim pallida e triste  
Eu achei-te mais formosa,  
Embora não radiosa  
D'indisivel alegria ;  
Achei-te mais amorosa  
Na tua melancholia ;  
Achei-te mais ingrçada,  
Embora um pouco mais fria,  
Co'a tua fronte inclinada,  
Como virgem namorada  
Que se-volara ao martyrio.

Pareceste-me alvo lyrio  
Em debil hastea sustido,  
Que as brisas beijam passando,  
O doce aroma roubando  
Em ethereo devaneio ;  
Pareceste-me uma fada  
Que do firmamento veio  
A povoar os meus sonhos,  
E a fantasia cançada,  
De novos quadros risonhos.

Eu vi-te pallida....—amei te ;  
Vi-te a scismar....—adorei-te  
Como nunca se adorou  
Mulher alguma no mundo ;  
E a esse amor tão profundo  
Meu coração palpitou,  
Viveu por ti outra vez....  
E eu dou-te graças, meu anjo  
De tão triste pallidez.!

*Eduardo Nunesio.*